



APHANTASIA: LINGUAGEM, IMAGEM E O FUNCIONAMENTO PSÍQUICO

Jessica Magari Ferazza
Dulce Mara Gaio

RESUMO

As imagens mentais possuem um papel importante no desenvolvimento humano, já que estão relacionadas à memorização, aprendizagem e com a relação social. Porém, existe uma pequena parcela da população que possui uma disfunção chamada Aphantasia e/ou Afantasia, que significa a incapacidade de visualizar, recordar e criar imagens mentais sem a presença do objeto. Com base no problema mencionado, o objetivo deste trabalho é fazer uma investigação acerca das teorias biológicas e humanas, principalmente na implicação do processo psicanalítico destes indivíduos que não possuem a capacidade de recordar detalhadamente suas memórias imaginativas, pois possuem a denominada mente cega. O trabalho foi construído com bases bibliográficas diante da temática para uma possível reflexão hipotética dos temas mencionados. Possui o intuito de chegar a uma conclusão adequada, analisando as possibilidades de um processo psicanalítico satisfatório para os portadores desta irregularidade.

Palavras chaves: Aphantasia; Linguagem; Memória; Imagem; Psicanálise

Abstract

Mental images play an important role in human development, since they are related to memorization, learning, and social relationships. However, there is a small portion of the population that has a dysfunction called Aphantasia and/or Aphantasia, which means the inability to visualize, remember, and create mental images without the presence of the object. Based on the mentioned problem, the objective of this work is to make an investigation about the biological and human theories, mainly in the implication of the psychoanalytic process of these individuals that don't have the capacity to remember in detail their imaginative memories, because they have the so-called blind mind. The work was built with bibliographical bases in view of the theme for a possible hypothetical reflection on the mentioned themes. It has the intention of reaching an adequate conclusion, analyzing the possibilities of a satisfactory psychoanalytic process for the carriers of this irregularity.

Keywords: Aphantasia; Language; Memory; Image; Psychoanalysis

INTRODUÇÃO

A língua é uma construção a partir da linguagem e um processo decorrente da sociabilização, estimulação e aprendizagem, traz representações que sustentam o indivíduo no meio em que vive. Comunicar-se é também estar disponível a um entendimento das representações psíquicas. A construção da língua, se dá pela concepção institucional da linguagem. (SAUSSURE 1915 *apud* FRANCHI 2002)

O presente trabalho faz uma releitura bibliográfica sobre os mecanismos cerebrais envolvidos para a construção da linguagem e sobre os fatores na presente disfunção. Keogh & Pearson (2017) descrevem que Aphantasia é uma condição onde o indivíduo não consegue acessar imagens mentais, mesmo possuindo habilidades descritivas preservadas. Já a fantasia seria a capacidade de relembrar imagens mentais com ou sem a presença do objeto, sendo então o oposto de Aphantasia.

Como seria possível uma identificação com o código da língua e interpretações psíquicas nos indivíduos com Aphantasia diante dos significantes que distraem o caminho até o significado? Ou seja, o que levaria o indivíduo até a simbolização do sintoma? Não há certezas de respostas, mas este trabalho tem a proposta de conseguir chegar a um possível entendimento sobre os processos envolvidos.

O objetivo foi reunir publicações relevantes sobre a memória, percepção e imagem na construção da linguagem durante o desenvolvimento humano aprofundando a pesquisa nas implicações da Aphantasia “mente cega” no funcionamento neurológico e por fim, uma possível amarração a partir do olhar psicanalítico diante da construção do código da língua, linguagem, significado, significantes e processo analítico apontando um caminho de reflexão ao leitor que se deleitará diante dos temas a serem trabalhados.

DESENVOLVIMENTO

PERCEPÇÃO, MEMÓRIA, IMAGEM E LINGUAGEM

Desde a Grécia antiga as imagens mentais, as representações viso-espaciais e a memória, são assuntos de grande interesse. Porém, as contribuições específicas sobre estas funcionalidades foram resultados das investigações da psicologia cognitiva, que elucidou o desempenho da memória com a correlação da imagem. Diante dessas ligações, a memória possui um papel importante na recapitulação da imagem registrada sensorialmente por todo o processo visual chegando até a sua visualização no córtex. O reconhecimento parte da experiência com o objeto, resultando em memória e na recuperação dessa informação através da estimulação, tanto pela presença do mesmo, quanto pela evocação da imagem mental sem a presença do objeto. (SANTOS, 2000)

A percepção visual não é o mesmo que o nome dado a um objeto. A percepção é um processo construído por uma organização do mundo externo representado por objetos, tornando possível uma leitura diferente para cada indivíduo, isso acontece devido às sensações acompanhadas pelo juízo e representam unicamente algo diferente para cada um. (QUOOS, 2008)

O ser humano é acrescido de estímulos e funções relacionadas a memória, juízo, afeto e raciocínio, que juntos auxiliam no processo da percepção e descrição da imagem. A percepção é o resultado de um longo caminho posterior ao da visão ocular. Quando ocorre um encontro entre as emoções, motivações e experiências que despertam um significado daquilo que os olhos captaram, ou seja, quando o indivíduo enxerga um objeto e o descreve, isso está relacionado à memória e aprendizagem. O significado desta palavra é totalmente diferente para cada um devido ao contexto que está sendo aplicado. Tudo dependerá do quanto essa palavra se ligar a um conteúdo emocional a partir do sensorial. (QUOOS, 2008)

A memória visual está na capacidade de atenção entre a diferenciação de figura e fundo. Quando ocorre falhas nessa discriminação ocorre uma perda da atenção, resultando em uma falha na memorização. Ainda na infância a criança passa pelo processo de alfabetização, o resultado de uma memorização das palavras escritas. Logo, a criança carregará essa fotografia de como se escreve, com auxílio de demais sentidos, como, por exemplo: dos sons e significados, esse conjunto de ações torna o indivíduo capaz de utilizar de forma correta a grafia aprendida. O indivíduo que possui uma falha na percepção visual, não possui necessariamente um problema com sua visão, mas sim com o modo de processamento das informações, gerando uma dificuldade de reconhecer, organizar, interpretar e recordar imagens visuais, afetando muito no seu desenvolvimento educacional e profissional. As imagens não se tratam somente de fotos ou recordações de momentos, mas sim qualquer objeto que carregue um significado e precise ser memorizado para poder ser evocado quando necessário. QUOOS, p.20 (2008) discorre ainda que:

As habilidades de percepção visual incluem a capacidade para reconhecer imagens que já viu-se antes de vincular-lhes significados (como um pré escolar reconhecer um sinal do McDonald's e dizer que está faminto, discriminar entre imagens similares (como as letras b e d, ou as palavras ataca e acata), separar 14 figuras significativas de detalhes de segundo plano (identificar as vogais em uma palavra por exemplo) e reconhecer o mesmo símbolo em diferentes formas (reconhecer que um A é um A, mesmo quando aparece em diferentes tamanhos, cores ou fontes.

Os indivíduos que possuem uma falha na sequência visual, costumam não ver diferença entre palavras parecidas como, por exemplo “vai e via”, possuindo uma grande dificuldade em descrevê-las ou até de dar significado para ambas, exclusivamente nos casos que precisem realizar esse processo somente com o poder do seu pensamento. (QUOOS, 2008)

APHANTASIA

De acordo com Keogh & Pearson (2017) as primeiras descrições sobre os sintomas referente à *Aphantasia* foram relatados em “*1880 por Francis Galton*”, e nomeada como *Aphantasia Congênita* em 2015 com a publicação de um artigo feito por *Zeman, Dewar, & Della Salla*. (CROWDER, 2018)

Sobre as pesquisas mais atuais, alguns neurocientistas e psicólogos estão alcançando um ótimo progresso sobre a ligação entre a imagem visual, funções cognitivas e a memória. Estas estariam intimamente relacionadas à visão espacial e compreensão da linguagem. As imagens visuais contribuem para o desenvolvimento cognitivo. Alguns seres humanos possuem pouca ou nenhuma capacidade de criar imagens visuais mentais, mesmo sem possuir nenhum problema psicológico ou neurológico. Esse fenômeno chamado *Aphantasia Congênita* se manifesta em indivíduos que possuem suas habilidades descriptivas preservadas, mas não possuem a capacidade de visualizar a vivacidade de uma imagem mental, ou seja, *Aphantasia* é a falta da metacognição, contendo falhas de introspecção da imagem. (Keogh & Pearson, 2017)

A memória é a capacidade de relembrar, armazenar e imaginar. A Afantasia tradução de *Aphantasia* é uma deficiência nesses mecanismos. Foi descoberto a pouco tempo, sendo então uma incapacidade de visualizar imagens mentais. Essa falha no processo de imaginação atinge cerca de 2,5% da população mundial, considerado rara. (MUNIZ, 2015)

As imagens cerebrais são geradas devido ao processamento que se inicia pelas informações sensoriais através dos olhos, seguindo até os nervos ópticos, chegando ao neocôrte visual primário e lobo occipital que simbolizam os olhos da mente, essas informações capturadas serão construídas somente no córtex secundário, tornando possível a percepção do objeto. Após esse processo, as imagens são armazenadas podendo ser evocadas mesmo com a ausência do objeto externo. (MUNIZ, 2015)

A maioria das pessoas possui muita facilidade em imaginar um pôr-do-sol, por exemplo, ou até revisitar memórias, porém as pessoas com Aphantasia não conseguem acessar ou visualizar imagens mentais, sem que estejam perante o objeto que queiram descrever. Diante das mais variadas dificuldades do indivíduo que possuí Aphantasia, estão as que os tornam incapazes de visualizar memórias afetivas ou lembrar de rostos detalhados de pessoas próximas que já morreram, porém, quando as pessoas que possuem essa disfunção estão sonhando essas imagens são preservadas e visualizadas durante o sonho. (MUNIZ, 2015)

Esta disfunção não se assemelha ao esquecimento, pois os indivíduos que possuem Aphantasia conseguem sim, identificar pessoas e demais objetos através de fotos, relatos, etc. Sua dificuldade é ser induzido a imaginar algo, mesmo que conhecido ele não consegue visualizar imagens mentais, mesmo que lembre da sua existência. (MUNIZ, 2015)

A IMAGEM, LINGUAGEM E A PSICANÁLISE

A imagem é o encontro do que se passou com o atual momento, ou seja, a imagem é uma dialética estática. Quando se faz uma relação entre o presente e passado, isto é algo atemporal, já a correlação entre o passado com a atualidade é de fato o presente. Somente as imagens dialéticas são verdadeiras e seu lugar de encontro é através da linguagem. (MURICY, 1999 *apud* PARENTE, 2014)

Para Saussure (1916/2006) *apud* Martinho & Sadala (2011) a língua não é constituinte, é somente uma função do falar: é o resultado que o indivíduo registra passivamente. O falante realiza o código da língua com o intuito de expressar seu pensamento e é uma função psicofísica que o permite eternizar as combinações. A língua é um conjunto de regras relacionadas aos sons na forma de expressão, o ato de comunicar. Já a linguagem é a junção da língua com o que se quer falar.

A língua é um objeto bem definido no conjunto heteróclito dos fatos da linguagem. Pode-se localizá-la na porção determinada do circuito em que uma imagem auditiva vem associar-se a um

conceito. Ela é parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, que, por si só, não pode nem criá-la nem a modificar; ela não existe

senão em virtude duma espécie de contrato estabelecido entre os membros da comunidade. Por outro lado, o indivíduo tem necessidade de uma aprendizagem para conhecer-lhe o funcionamento; somente pouco a pouco a criança assimila. A língua é uma coisa de tal modo distinta que um homem privado do uso da fala conserva a língua, contanto que compreenda os signos vocais que ouve. (SAUSSURE, 1916/2006, p.22 *apud* MARTINHO & SADALA 2011)

À articulação dos significantes entre si com as leis, sendo a metáfora e a metonímia. A linguagem é quem estrutura o inconsciente, a diferenciação entre a fala e a linguagem é imprescindível para distinguir as leis. (MARTINHO & SADALA 2011)

A palavra acolhe um pensamento o transformando em representação. Dá mesma maneira que na vasta associação de elementos psíquicos, como uma imagem acústica, em um lado, e, do outro ocorre um conceito de uma imagem visual, mas ambos fazem um fechamento do sentido que limita uma palavra quanto uma abertura da mesma, sendo por associações mentais ou representações dos objetos. Porém, de outra perspectiva apresenta diferenças, com ao que se refere aos processos fisiológicos e psíquicos. Na representação freudiana, são descritos como independentes e em sequência temporal, já na saussuriana: associação complexa nos processos fisiológicos que constitui uma rede associativa e mais simples nos psíquicos, sendo na união dos elementos do signo e na ligação de uma palavra com outras palavras em série mnemônica virtual. Discorrendo ainda sobre que:

Esse último ponto é essencial ao propósito desta reflexão, ou seja, o fato de Saussure pressupor um lugar no cérebro onde os fatos de consciência, ou os conceitos, acham-se já associados às representações dos signos linguísticos ou imagens acústicas, prontos para serem suscitados no momento da fala. Quer dizer, para o linguista, haveria um lugar virtual no cérebro onde as palavras, como unidades linguísticas concretas, representantes do signo em sua totalidade, acumular-se-iam e facultariam o sentido ao sujeito falante. Essa questão, a ser analisada na etapa seguinte, que discute o terceiro elemento deste estudo, a memória, marca mais explicitamente a natureza dos processos da representação freudiana e, consequentemente, acentua o afastamento entre as noções de palavra e de sentido construídas em cada teoria. (PRADO, p. 201; 2009)

O lugar virtual se refere a um depósito adquirido pela prática da fala de indivíduos que pertencem a uma comunidade, como um sistema gramatical, ou seja, um dicionário com uma gama de sinais e experiências. “Nossa memória tem de reserva todas as categorias de sintagmas complexos, de qualquer espécie ou extensão que possam ser, e no momento de empregá-los, fazemos intervir os grupos associativos para fixar nossa escolha.” (PRADO, 2009)

CONSTRUÇÃO DA ANÁLISE E MEMÓRIA PARA FREUD

Desde 1918 Freud já vinha falando a respeito da construção sobre o processo de análise, no texto o Homem dos Lobos, expunha que vários eventos psíquicos não podiam ser elaborados pela via da rememoração parecendo impossível para algumas estruturas psíquicas. Surge então a necessidade de construir ou reconstruir os fatos. Essa construção fala sobre um determinado período esquecido na pré-história do paciente. Na época o objetivo da análise era o de adentrar ao mundo recalcado do paciente, com o intuito de reequilibrar o seu psiquismo a partir daquilo que era fornecido pelo paciente (Sonhos, associações livres, atos falhos etc.). Construir o que havia sido esquecido e comunicar o paciente sobre isso. (FALCAO, 2008)

Segundo Bastos, no texto Recordações Encobridoras (1899), Freud fala sobre uma lembrança após um processo traumático, que pode ser entendida como algo presumidamente vivido pelo sujeito, tendo a função de encobrir o trauma, ou seja, um reflexo da fantasia que se apresenta de forma clara e nítida, mas, em simultâneo, desprovida de relevância que responda por sua permanência enquanto imagem mnêmica. Fazendo um pequeno paralelo entre o escrito de Freud com o tema foco, se a fantasia se apresenta com imagens claras e nítidas, então como já mencionado anteriormente, a Aphantasia seria o contrário, aquilo que não é nítido, que não se vê. A imagem empregada na lembrança, serve como metáfora ao conflito psíquico. A importância da fantasia

é dos quesitos que impõem sua fixação no semelhante, ou seja, o recalcado impele, mas a memória tende a distorcê-la. Ocorre uma imagem forjada que

possuí coincidências com a original: o pensamento é reproduzido, ou melhor, deslocado para uma cena diferente da original. (BASTOS, 2000) Diante disso, pode-se pensar nos efeitos no indivíduo que não acessa suas fantasias, onde não há recapitulação da imagem forjada sobre a imagem original, no caso trauma. (KEOGH & PEARSON, 2017)

No decorrer da análise, a linguagem tem um papel principal entre uma lembrança que tem a função encobridora sobre algo que ela esconde é uma possível expressão verbal. Sobre a parte imaterial que faz parte da formação da lembrança, entende-se que ela surge a partir de traços mnésicos, pois seus registros são permanentes. Porém, essa imagem mnêmica que é aquilo que se reproduz, não corresponde à fantasia relevante, por exemplo, lembranças infantis não possuem uma repetição exata das impressões originalmente recebidas. A memória consciente gera uma história do passado, como uma lenda. (BASTOS, 2000)

Com base nessas observações, antecipo o seguinte: se a lembrança oculta um ponto incognoscível, se a rememoração se choca com algo não assimilável, esse ponto pode ser assinalado no nível da memória. A expressão ‘ponto cego’ não deve nos induzir a equívocos: não é por déficit perceptual que algo se perde para a memória; em outros termos, não é por falta de recepção que a impressão original não se reproduz. Há um ‘ponto cego’ a ser situado no nível da memória, mas como extra-mnêmico. Cumpriria, antes, remeter possíveis hiatos a nível da imagem a este aspecto vazado da memória. E é isso que será visado a seguir sob a forma de das Ding, a partir do neurônio a, tal como o concebe Freud no contexto de seu sistema de memória. (BASTOS, p.2; 2000)

A resolução dos problemas relacionados a lembranças é de tamanha representatividade na concepção freudiana acerca da memória, o analista se surpreende diante de uma memória que não condiz com a realidade. Expondo então a face metapsicológica desses limites na análise da lembrança, aponta-se o neurônio a. Freud, (1895/1969, p.399 *apud* Bastos, 2000) declara haver duas

categorias de neurônios: os complementares ψ permeáveis e imutáveis, que não erguem uma barreira resistentes e sempre se expõem em novas excitações. E os neurônios ψ , impermeáveis e resistentes à passagem de excitações, é

possível haver modificações que se prestam a representar os conteúdos da memória. Quanto mais excitação os neurônios ψ sofrerem, se tornarão menos permeáveis e mais condutíveis as barreiras. Então, é devido a isso que passa a se ter a definição de memória está nas diferentes facilitações entre os neurônios ψ .

As facilitações entre os neurônios ψ constituem, como sabemos, a memória, ou seja, a representação de todas as influências que ψ experimentou a partir do mundo externo. Agora percebemos que o próprio ego também catexiza os neurônios ψ e suscita passagens [de quantidade] que também devem deixar traços na forma de facilitações. (BASTOS, 2000)

Os conceitos freudianos diante desta temática fazem parte de uma extensa teoria, a qual dificilmente será esclarecido em pequenos recortes como os disponíveis nesse trabalho, principalmente na amarração com a proposta do mesmo. (KUPERMANN, 2010)

VÉU DO INCONSCIENTE E PHANTASIA

Dentre as teorias mencionadas por Lacan, o conceito chamado “véu do inconsciente” surge na lógica da pulsão. Esse entendimento segue-se a partir das noções de phantasia, castração ou de agalma. Agalma sendo então o processo de aparecimento, tornando possível uma simbolização do *Objeto a*. A phantasia é a porta certa que mostra o caminho da pulsão no inconsciente. No caso da fantasia, o *objeto a* tem a função de reflexo, devido aos significantes, ou até mesmo os sintomas que podem suspender por um momento a incidência da castração. A phantasia tem como função deter a possibilidade de castração imaginaria por uma rede de significantes da phantasia responsável pela manutenção da angústia em certos limites. (ARAUJO, 2013)

O véu do inconsciente refere-se a um véu perfeito que ocorre a partir de alterações dos significantes da rede. Lacan entende essa rede como uma máquina cibernetica. Essa rede é uma estrutura que sustenta as possibilidades do sujeito. A teoria lacaniana diante do muro da linguagem, ainda como máquina

cibernetica, tem como originalidade clara sobre o “logo” é o que convida o sujeito a auscultar o dizer “tudo é um”. (ARAUJO, 2013)

Segundo Araujo (2013) máquina cibernetica em sua autonomia está o tecido que forma o véu do inconsciente, assumindo um papel de “tesouro” significante com a função de evocar o agalma, juntamente esse significante possibilita a ver a phantasia, pois contém uma função imaginária da castração. Na comparação phantasia e o agalma, enquanto fantasia possibilitará a diversidade simbólica, o agalma exige essa diversificação a incidência da castração nos limites imaginários, distanciando do real e da necessidade de simbolizá-lo. A phantasia tende a ser uma manutenção de “fixadores imaginários”, necessidade de evidenciar sintomas, como: atos falhos, lapsos de memória ou até os surtos psicóticos surgem no momento onde há conflitos entre o plano das ordenações simbólicas e as fixações imaginárias, o sintoma está entre ambos. (ARAUJO, 2013)

Seguindo ainda pelos escritos de Araujo (2013) ausculta analítica possibilita as fixações imaginárias ao serem mencionadas pela associação livre, fornecendo uma transmutação dos sintomas de maneira que alcancem uma resolução. Lacan (1974) reflete que a fala no contexto analítico permite a apreensão simbólica do indivíduo que se direciona ao tratamento psicanalítico, possibilitando provocar a reversão dos conflitos imaginários a favor da extração do *objeto a*. (ARAUJO, 2013)

A possibilidade de lidar com a angústia, o “eu” necessitará de uma realização pela via simbólica. Realizar “alienação fundamental” capaz de reabrir como uma sucessão de presença e ausência. Esse movimento é ocioso pelo fato de se distinguir da dimensão imaginária, devido à imagem que constitui de

si mesmo e da dimensão simbólica em que o falante depende do grande Outro. O objeto que “eu sou” se angustia à medida que o “eu não conseguirei” se identifica no universo simbólico em que se encontra, passando a se confundir com o reflexo imaginário que também faz parte de si. A angústia só irá ceder

lugar a uma realização simbólica quando a fala for autêntica, ou seja, uma fala que se realiza juntamente em ter em vista o desejo do Outro. (ARAUJO, 2013)

PROCESSO ANÁLITICO

Correlacionando o exemplo de uma análise química de forma molecular, em que há uma decomposição molar nos elementos moleculares, uma vez livres podem voltar a se reagruparem dependendo de suas afinidades. Análise, significa “separar ou dividir”, é o que se trata na metodologia clínica. Da mesma forma o psicanalista, diante da interpretação, ajuda a dissolver o sintoma apresentado pelo paciente neurótico diante dos representantes e pulsões recaladas conseguindo liberar a libido para novas alternativas adequadas ao estilo de vida de quem diz sobre si. Então, como as composições químicas se ligam a força que reagem à atração molecular, há uma tendência no psiquismo em gerar novas ligações “compulsão pela junção, transformar em um pela via da combinação”, atribuída por aquilo que chamam de ego, algo automático e inevitável. Então o psicanalista vem para intervir, para haver eficácia na dissolução, evitando o reagrupamento novamente dos processos egóicos que atuam no psiquismo do analisando. (KUPERMANN, 2010)

Na teoria original, o psicanalista tem o papel de escutar o sofrimento e aquilo que favorece instrumentos interpretativos, ou seja, tornar consciente o conteúdo recalcado e resistências que o analisando apresenta. Da mesma forma que uma análise química em laboratório pode gerar riscos, como levar pelos ares o laboratório, a análise psíquica também demonstra riscos. Pois, a liberação de libido gerada pela interpretação pode levar o analisando a uma busca precipitada de satisfações substitutivas, falando de um neurótico. (KUPERMANN, 2010)

No modelo até a atualidade, ser psicanalista atuante possui várias implicações, como o de questionar a maneira em que se é convocado no processo em escutar o outro, reconhecendo os desafios que se mostram no caminho da clínica. É preciso trabalho e paciência enquanto há um acolhimento

do sofrimento do analisando, então convém abdicar da comodidade, estando em um estado de *festina lente* – “apressa-te lentamente”. (KUPERMANN, 2010)

Diante da resistência do paciente, o psicanalista vai ter um manejo a partir da barra, daquilo que é interdito ao gozo, pois quando há um acolhimento mais afetivo do sintoma na situação em que o analista reforça a queixa, poderá desperta uma ilusão de cumplicidade passando a se colocar no lugar do objeto de falta, então pode ser que o profissional se torne refém nessa relação transferencial se tornando alvo. Porém, se o analista se coloca na posição neutra para este paciente, inicia-se a possibilidade deste de encontrar na palavra, representações para o objeto perdido. Pois, quando se fala do passado, o analisando se reinventa a partir da história redimensionando a sua vida. A psicanálise se torna uma resistência quando se coloca na posição de remédio, quando sua intenção se rende à sedução de resposta fácil para tudo, quando o resistir dá a possibilidade de o sujeito encontrar através da palavra um caminho em que irá conduzir o seu desejo. (LEÃO, 1975)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A *Aphantasia* é considerada até o momento como uma condição neurológica, sendo a incapacidade de imaginar e visualizar imagens mentais. Neste trabalho foi considerada a hipótese de existir uma possível dificuldade em alguns indivíduos de simbolizar suas fantasias, pois *Aphantasia* se mostra como um bloqueio e não possibilita a passagem de memórias visuais, ou seja, não autoriza que algo se mostre.

Seguindo essa linha, pode-se relacionar as semelhanças funcionais e neurológicas de *Aphantasia* com os mecanismos da repressão para a psicanálise, pois, para a psicanálise, fantasiar é o caminho que aponta para a pulsão do inconsciente, dando forma ao conteúdo latente. Se *Aphantasia* é o oposto de fantasia, então talvez quem possui esta disfunção tenha dificuldades de ressignificação do sintoma diante do processo psicanalítico pela via da associação livre.

A presente pesquisa também deixa em aberto a questão sobre uma nova investigação do que sustenta de fato. Se é a repressão, um mecanismo de bloqueio da psique, ou até se *Aphantasia* veio para dizer mais sobre tal funcionamento, se ela aponta para uma possível descoberta da origem e localização neural do mecanismo da repressão.

A complexidade deste estudo possibilitou uma instigante análise e abertura para novas perguntas acerca do tema, apontando a continuidade desta pesquisa mais detalhada e abrindo a oportunidade para novos pesquisadores continuar essa investigação buscando respostas para o que seja de fato a origem ou melhor entendimento de *Aphantasia* e qual seria sua função, seguindo para além do olhar neurológico, mas também para o psicológico.

REFERÊNCIAS

BASTOS, Angélica. **Sobre a lembrança: uma abordagem psicanalítica dos limites estruturais da memória.** Red Anais da Academia Brasileira de Ciências, 2000.

CROWDER, A. (2018). Diferenças na Capacidade de Visualização Espacial e Vividez de Imagens Espaciais entre Pessoas Com e Sem Aphantasia.

FALCAO, Luciane. Construções em análise hoje: a concepção freudiana ainda é válida?. **Rev. bras. psicanál.**, São Paulo , v. 42, n. 3, p. 69-81, set. 2008 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2008000300008&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 25 julho de 2022.

FRANCHI, Carlos. Linguagem-atividade constitutiva. Revista do GEL, p. 37-74, 2002.

KEOGH, R., & PEARSON, J. (2017). A mente cega: nenhuma imagem sensorial na aphantasia.

KUPERMANN, Daniel. A via sensível da elaboração. Caminhos da clínica psicanalítica. **Cadernos de Psicanálise-CPRJ**, v. 23, p. 31 citation_lastpage=45, 2010.

LEÃO, Yara Amorim Souza. Resistência e Psicanálise. 1975. Disponível em: <http://torodepsicanalise.com.br/site/wp-content/uploads/2017/01/Resistencia-e-Psicanalise.pdf>. 25 julho de 2022.

MUNIZ, C. Afantasia, a incapacidade de visualizar imagens na mente, atinge cerca de 2,5% da população. **Portal online Extra Globo**, 2015. Disponível em:<<https://extra.globo.com/noticias/saude-e-ciencia/afantasia-incapacidade-de-visualizar-imagens-na-mente-atinge-cerca-de-25-da-populacao-17420892.html>> Acesso em 06 de agosto de 2022.

PARENTE, M. & AFFORTUNATI, A. A encenação dos sonhos: imagens de Freud e de Benjamin. **Ágora (Rio J.)**, Rio de Janeiro , v. 17, n. 1, p. 9-25, 2014 Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982014000100001&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 08 de julho 2022. <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982014000100001>.

PRADO, C. H. D. (2009). Reflexões sobre palavra, sentido e memória em Freud e Saussure. **Ciências & Cognição**, 14(1), 195-207.

QUOOS, S. R. C. (2008). A importância da percepção visual na aprendizagem como uma visão neuropsicopedagógica. *Monografia de Especialização em Psicopedagogia, Universidade Tuiuti do Paraná*.

SADALA, G., MARTINHO, M. H. A estrutura em psicanálise: uma enunciação desde Freud. **Ágora (Rio J.)**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 243-258, Dec. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982011000200006&lng=en&nrm=iso>. Acesso 06 de agosto de 2022. <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982011000200006>.

SANTOS, A. S. C. dos. Sobre imagens mentais e representações visuo-espaciais de objectos e ambientes. **Estud. psicol. (Campinas)**, Campinas, v. 17, n. 2, p. 18-30, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2000000200002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 10 de agosto de 2022.